



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO
SUL DA MATA ATLÂNTICA**

**EXPRESSÕES CORPORAIS KAINGANG COMO FORMA DE
TRANSMISSÃO DE SABERES NA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA: O NÊN
GA**

Florianópolis
2020

JACIANE GOJ TÉJ KUITÁ FIDELES

**EXPRESSÕES CORPORAIS KAINGANG COMO FORMA DE
TRANSMISSÃO DE SABERES NA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA: O NÊN
GA**

Trabalho de conclusão de curso de
graduação em Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da
Mata Atlântica do Centro de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Santa
Catarina para obtenção do título de
licenciado em Artes e Linguagens.

Orientadora: Prof^a Dr^a María
Eugenia Dominguez

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

FIDELES, JACIANE GOJ TÉJ KUITÁ
EXPRESSÕES CORPORAIS KAINGANG COMO FORMA DE TRANSMISSÃO
DE SABERES NA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA: O NEN GA /
JACIANE GOJ TÉJ KUITÁ FIDELES ; orientador, MARIA EUGÊNIA
DOMINGUEZ, 2020.
48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. NEN GA KAINGANG. 3. SABERES. 4. APRENDIZAGEM.
5. CANTOS E DANÇAS. I. DOMINGUEZ, MARIA EUGÊNIA. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a), Jaciane Goj Téj Kuitá Fideles, matrícula n.º 16105932, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "EXPRESSÕES CORPORAIS KAINGANG COMO FORMA DE TRANSMISSÃO DE SABERES NA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA: O NÊN GA", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 14 de fevereiro de 2020.

Assinatura manuscrita em tinta azul de Maria Eugênia Dominguez.

Maria Eugênia Dominguez

Orientador(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA
MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 11 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 10.30 horas, na Sala 110 do Bloco D do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora Orientadora Maria Eugenia Dominguez e Presidente, Professora Paola Andrade Gibram, Membro da Banca, e Professor José A. Kelly Luciani, Membro da Banca, designados pela Portaria nº 25/ 2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Jaciane Goj Téj Kuitá Fideles subordinado ao título: **“EXPRESSÕES CORPORAIS KAINGANG COMO FORMA DE TRANSMISSÃO DE SABERES NA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA: O NÊN GA”**


Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Maria Eugenia Dominguez, a nota final 10,0, da Professora Paola Andrade Gibram, a nota final 10,0, e do Professor José A. Kelly Luciani, a nota final 10,0; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF/A e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 11 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:


Prof. Maria Eugenia Dominguez


Prof. Paola Andrade Gibram


Prof. José A. Kelly Luciani


Jaciane Goj Téj Kuitá Fideles

Ao meu pequeno grande guerreiro Katã e minha mãe, que são a razão da minha existência.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a TOPÊ, pela vida e oportunidade de poder concluir essa etapa de minha vida.

A minha mãe querida, que tornou isso possível, através da educação excepcional que me deu, mesmo tendo desempenhado o papel de mãe e pai ao mesmo tempo, nunca me deixou faltar carinho e afeto ao longo da minha vida.

Aos meus irmãos, Ivan, Sérgio, Janaína, Jaqueline e Nyg, obrigada pelo apoio e pelos conhecimentos a mim transmitidos. Aos meus sobrinhos, gratidão por me incentivarem a ser uma pessoa cada vez melhor. Ao meu querido sobrinho WYJEKY que partiu tão precocemente e não pode presenciar esse momento tão importante da minha vida. A minha querida cunhada Marilene, que tenho como uma irmã, obrigada por toda a ajuda ao longo de todos esses anos, sem vocês eu não teria conseguido.

Agradeço também o meu ex-companheiro, My, por ter me dado o meu maior presente: meu menino Katã. Agradeço pela paciência e ajuda durante a minha trajetória acadêmica e que apesar de termos seguido caminhos diferentes, é uma pessoa que tenho um profundo respeito e admiração.

Ao meu menino, minha vida, Katã, pela oportunidade de me tornar mãe e pelo esforço de tentar ser uma pessoa cada vez melhor, que todo esse processo não seria possível se eu não pensasse em lhe dar um futuro melhor. Muito obrigada meu filho, peço desculpas por ter faltado em alguns dos seus momentos mais importantes, mas que isso foi necessário para a minha formação.

A minha querida amiga Carol, que sempre esteve junto comigo, me dando apoio e carinho no momento em que mais precisei, você foi essencial nesse período em que estive por aqui. Muito obrigada por tudo.

A minha orientadora, professora Maria Eugênia, por ter aceitado meu convite e por ter me ajudado na construção do meu trabalho, muito obrigada!

A coordenação da LII, pela dedicação e paciência ao longo desses anos todos, ao Murilo, a Ariana, obrigada por tudo.

A todos os professores, que me permitiram chegar até aqui através dos conhecimentos a mim transmitidos, vocês são pessoas excepcionais. Levarei comigo cada um de vocês. Muito, mas muito obrigado.

Aos meus colegas de curso pela amizade construída durante esses anos, aos colegas que por motivo de força maior, ficaram pelo caminho, vocês estarão eternamente em meu coração.

A minha querida amiga Gé, que esteve ao meu lado esses anos todos, gratidão por tudo minha querida, pelos ensinamentos, pela amizade, companheirismo, pelos puxões de orelha quando foi necessário, por tornar meus dias mais alegres durante as etapas presenciais. Você é com toda a certeza uma das pessoas que quero estar por perto sempre! Meu muito obrigado!

Aos bolsistas do curso, Débora, obrigada pelo cafezinho do intervalo e pelo suporte quando precisei, Mateus, obrigada pelas noites de descontração com as rodas de samba, pelas altas ideias trocadas, e aos que passaram também, levarei essas amizades comigo sempre.

A todos os meus amigos dos cursos presenciais que estudam ou já estudaram nessa IES, em especial ao Pique, Bob, Cris, Churrasco, Alex, Marcelo, Nenga, Ana, Gesieli, Karlan, João Voia, Txulunh, Siri, Felipe, Bilito, Neon, Txuco, Sol, gratidão por tornarem meus dias mais alegres, obrigada pelos momentos de diversão em meio a esse caos urbano, com toda a certeza desse mundo vocês estarão comigo para sempre!

A professora Joziléia, obrigada por tudo, pelas conversas, pelas risadas, por todo o suporte dado, não só a mim, mas a todos os meus colegas de curso, obrigada pelos ensinamentos, pelos conselhos quando eu precisei, és uma mulher que tenho profundo respeito e admiração, por toda a sua trajetória de vida. Gratidão por tudo! Quando eu crescer vou ser igual a você.

Enfim, meu muito obrigado a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui. Vocês foram fundamentais em todo o meu processo de formação.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo entender o processo da transmissão dos saberes através das expressões corporais, que é uma das formas de linguagem do povo Kaingang. Trata-se de um longo processo de ensino aprendizagem através do desempenho corporal da dança e da música Kaingang dentro do âmbito escolar e comunitário. Para isso, vou descrever alguns aspectos da língua Kaingang nos cantos na Terra Indígena Apucarantina visando gerar conhecimentos sobre a transmissão de saberes através desses cantos e das danças. A transmissão desses conhecimentos se dá no cotidiano da aldeia: o povo Kaingang se baseia principalmente na oralidade e nas diferentes formas de expressões corporais para manter vivos seus saberes tradicionais. A dança e o canto são desenvolvidos em contextos e momentos diferentes. Pois, cada povo tem maneiras próprias de cultivar suas tradições. Este trabalho descreve diferentes momentos de vivência do coletivo cultural Nën Ga Kaingang.

Palavras chave: Nën Ga Kaingang; saberes; aprendizagem; comunidade; cantos e danças

ÊG VÍ KI VĚNHRÁ TAG KĀME

Věnhrá tag tóg êg tỹ êg ví tygrĩn nén ki kãhrãn mũ to ke nĩ, êg tỹ kaingang tag, êg ví vỹ tar nĩgtĩ, kỹ isỹ tag kãmén sĩ han ke vĕ. Tỹ tóg êg tỹgtỹnh to ke nĩ, êg jé ke gé êg jamã kãki, kar êg vĕnhkanhrãn jãfã kãki, inh jamã tỹ Apucarantina ki. Êg Tỹ êg ví êg tỹnh mré êg jé ki kanhró nỹtĩ jé, êg jamã hã kãki êg tóg ki kanhrãn tĩ. Kanhgág ag kãki ag ví hã vỹ tar nỹgtĩ, kar kỹ ag tỹgtỹnh ke gé. Hãra ag tỹgtỹnh tag vỹ tỹ ù nĩ, ù nĩ tĩgtĩ. Kenjé tãmĩ kanhgág ù ag jykre vỹ tóg tỹ ù nỹtĩgtĩ. Kỹ věnhrá tag tóg tỹ Nĕn Ga Kaingang ag tỹ êg jykre tag tỹ tar e to ke nĩ.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Mapa mostrando o território original e a superfície atualmente demarcada.
- Figura 2: Entrada da Usina Hidrelétrica Apucarantina
- Figura 3: Vista aérea do salto do Apucarantina
- Figura 4: Vista da entrada a Terra Indígena Apucarantina
- Figura 5: Mapa mostrando as cinco Terras Indígenas localizadas na Bacia do rio Tibagi e as duas Terras Indígenas Guarani próximas (T.I. Pinhalzinho e T.I. Laranjinha)
- Figura 6: Vista do Colégio Estadual Indígena João Kavagtãn
- Figura 7: Vista da entrada do Colégio Estadual Benedito Rokag
- Figura 8: Vista do interior do C.E.I Benedito Rokag
- Figura 9: Vista do interior do C.E.I Benedito Rokag
- Figura 10: Distribuição da Terras Indígenas Kaingang no sul e sudeste do Brasil
- Figura 11: Vista do rio Tibagi
- Figura 12: Confeção da armadilha tradicional
- Figura 13: Armadilha pronta
- Figura 14: Construção do dique de contenção (*prũg*).
- Figura 15: Construção da escora onde será colocada a armadilha
- Figura 16: Integrantes do coletivo levando a armadilha para ser colocada no rio
- Figura 17: Integrantes do coletivo, juntamente com os mais velhos, colocando a armadilha no rio

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A TERRA INDÍGENA APUCARANINHA.....	10
2.1. ESCRAVOS NA PRÓPRIA TERRA.....	15
2.2 AS DÉCADAS RECENTES.....	16
3. AS ESCOLAS DA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA.....	19
4. A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NA CULTURA KAINGANG	24
4.1. A LÍNGUA MATERNA HOJE NA COMUNIDADE.....	27
5. FORMAS DE TRANSMISSÃO DE SABERES NA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA.....	28
5.1. O MITO DA CRIAÇÃO DA DANÇA E DA MÚSICA KAINGANG.....	29
6. NEN GA.....	32
6.1. A ATUAÇÃO DO NÊN GA NA FESTA DO PÃRI.....	34
6.2. OS RITUAS DE CANTOS E DANÇAS DO NÊN GA.....	39
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

Minha proposta de pesquisa com o tema: EXPRESSÕES CORPORAIS KAINGANG COMO FORMA DE TRANSMISSÃO DE SABERES NA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA, se deu depois vários questionamentos sobre o sentido da oralidade do povo Kaingang, a partir de uma perspectiva como integrante do coletivo cultural Nën Ga kaingang.

Sou Jaciane Goj téj Kuitá Fideles, de nome indígena Goj Téj, nasci na Terra Indígena Ivaí, localizada no centro-sul do estado do Paraná, tenho 27 anos e sou mãe de um menino, Katãn. Passei grande parte da minha infância na aldeia mencionada, mas devido a um conflito interno tive de seguir com minha família até a Terra Indígena Apucarantina no final dos anos 2000.

Minha mãe, Gilda Kuitá, trabalhou durante 36 anos em prol da educação escolar indígena, foi uma das primeiras educadoras do sul a se formar no Centro de Formação Clara Camarão, localizado na Terra Indígena Guarita, atuante na luta pela educação escolar indígena, foi uma das pioneiras no estado do Paraná a atuar sobre questões incisivas, como o vestibular específico do Paraná. Tive uma infância tranquila. Como não havia uma escola que atendesse os anos fundamentais dentro da T.I, assim que terminávamos a 4º série já saíamos da aldeia para estudar nas escolas dos “brancos” até o final do ensino médio. Até que no ano de 2013, depois de muitas lutas e desafios, conseguimos que fosse construída dentro da aldeia uma escola indígena, o Colégio Estadual Indígena Benedito Rokag que atenderia os alunos dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Com isso, retornei ao ensino médio, depois de muitos altos e baixos e conclui minha formação na escola da aldeia em 2015. Em 2016, ingressei como acadêmica na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica e cá estou em busca de concluir minha graduação e retornar a minha comunidade. Atualmente sou professora dos anos finais do ensino fundamental, na mesma escola em que estudei. Espero que assim que concluir o ensino superior eu possa voltar e repassar todo o conhecimento acadêmico adquirido para a minha escola e minha comunidade.

2. A TERRA INDÍGENA APUCARANINHA

A T.I Apucarantina está localizada ao norte do estado do Paraná, a 30 km do município de Tamarana, seu núcleo urbano mais próximo está à 80 km, a cidade de Londrina. Sua população é de aproximadamente 1.800 pessoas ou 250 famílias, segundo dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Está delimitada ao norte pelo Rio Apucarantina, ao sul pelo Rio Apucarana a leste pelo Rio Tibagi e a oeste por alguns rios pequenos, estradas, represas e cortes aleatórios.

A Terra Indígena (TI) foi criada pelo Decreto Estadual 6, de 5 de julho de 1900, inicialmente com o nome de Posto Dr. Xavier da Silva, então governador do estado de Paraná; depois foi alterado para Posto Indígena Apucarana, abrangendo uma área de 80 mil hectares. Devido a um acordo entre o Ministério da Agricultura e o Governo do Estado do Paraná, em dezembro de 1949, a área foi reduzida para 6.300 hectares utilizando o critério de 100 hectares para cada família e 500 hectares para a sede do Posto. Atualmente, a Terra Indígena compreende uma área aproximada de 5.640 hectares, estando incógnitos 660 hectares, em virtude da prevalência de antigas invasões por parte de fazendeiros.



Figura 1: Mapa mostrando o território original e o que a superfície atualmente demarcada.

Fonte: www.portalkaingang.org.br

Neste território está instalada uma usina hidrelétrica, atualmente sob a responsabilidade da Companhia Paranaense de Energia (Copel) - empresa mista estadual, criada em outubro de 1954, que atua com geração, transmissão e distribuição de energia, além de telecomunicações. A usina foi construída para abastecer principalmente o município de Londrina. A construção teve início em 1946, entrando em operação em 1949. A usina funciona com o aproveitamento do Salto Grande, com 125 metros de altura, no Rio Apucarantina. Dois reservatórios fazem parte do projeto, sendo o menor chamado de Apucarantina, com um milhão de metros cúbicos, a cerca de um quilômetro da aldeia Sede. E o outro, de regularização, a montante do primeiro, denominado de Fiú, com 15 milhões de metros cúbicos, a cerca de cinco quilômetros da Aldeia Sede (CIMBALUK, 2013).



Figura 2: Entrada da Usina Hidrelétrica Apucarantina.

Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fpib.socioambiental.org%2Fes%2FNot%25C3%25ADcias%3Fid%3D83290&psig=AOvVaw2fKm6EJIHroxLd3AyMPpoJ&ust=1579264393820000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCKD8hNaSiOocCFQAAAAAdAAAAABAc>



Figura 3: Vista aérea do salto do Apucarantina.

Fonte: <https://www.folhadelondrina.com.br/img/inline/2950000/TERRAE-BRASILIS---Os-primeiros-da-terra0295227706201911061334.jpg>.)



Figura 4: Vista da entrada a Terra Indígena Apucarantina.

Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fpib.socioambiental.org%2Fes%2FNot%25C3%25ADcias%3Fid%3D83290&psig=AOvVaw3DHWgiJZcswb87Hhb51fMp&ust=1579264071715000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCIingLuRiOCCFQAAAAAdAAAAABAq>

O território do Apucarantina está dividido em quatro aldeias: Sede, Água Branca, Barreiro e Serrinha sendo essa última, um acampamento de retomada. Sua economia se baseia em três atividades fundamentais: Agricultura de subsistência, assalariamento temporário e o comércio de artesanatos. Hoje em sua religião, os Kaingang são praticantes das religiões cristãs, católica e evangélica. No uso e manejo da terra hoje existem 300 alqueires cultivados na aldeia. O território dos Kaingang se estendia por todo o vale do rio Tibagi.

A bacia do rio Tibagi hoje abriga cinco Terras Indígenas Kaingang: Terra Indígena Apucarantina em Tamarana, Terra Indígena Barão de Antonina e Terra Indígena São Jerônimo, em São Jerônimo da Serra, Terra Indígena de Queimadas e Terra Indígena Mococa em Ortigueira.

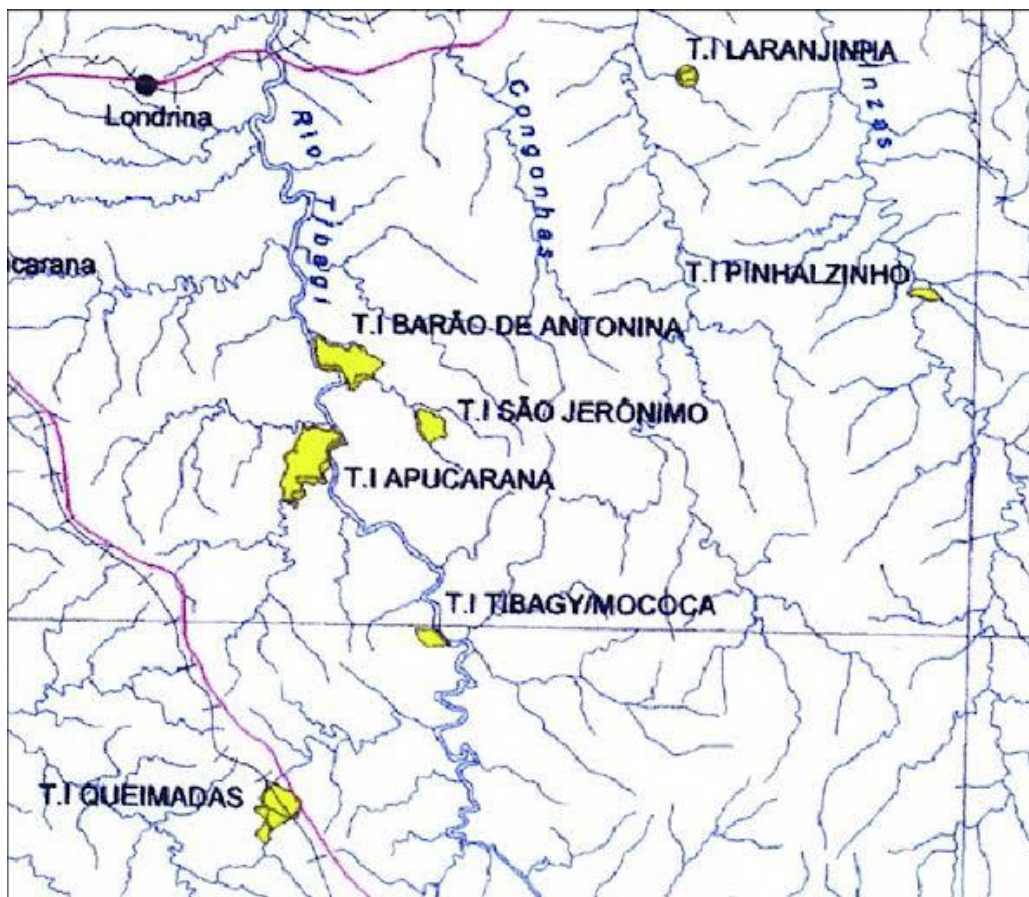


Figura 5: Mapa mostrando as cinco Terras Indígenas localizadas na Bacia do rio Tibagi e as duas Terras Indígenas Guarani próximas (T.I. Pinhalzinho e T.I. Laranjinha).

Fonte: https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Ffigure%2FTerras-indigenas-nas-bacias-do-Tibagi-Laranjinha-e-Cinzas-Parana-Realidade-oficial_fig1_320435794&psig=AOvVaw1EY7vqyKv8jtlEow8-CjFF&ust=1579264709836000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCLj0ueuTiOcCFQAAAAAAdAAAABAv

Os Kaingang são habitantes das terras da região de Londrina muito antes da chegada do não índio nesta região. Foram "colonizados e pacificados" no período de 1.770 a 1.930. A partir daí, tiveram seus territórios expropriados e perderam sua autonomia enquanto grupo, pois passaram a viver em aldeamentos administrados por órgãos, vendo-se privados de seus saberes e de seus amplos territórios de sobrevivência. A ocupação do território paranaense se deu sob a ótica do "vazio demográfico". Esta idéia de áreas "despovoadas" permitiu aos colonizadores apropriarem-se dos territórios Kaingang de forma brutal, ignorando sua presença, ou seja, os índios eram invisíveis aos olhos do colonizador. O colonizador é que passou para a "história" como um heroico desbravador e os índios passaram para a "história" como um incômodo para o desenvolvimento da região. Quase nunca se mencionam as atrocidades cometidas contra eles, nem à resistência ante a tomada das suas terras e a

destruição de suas culturas e de suas vidas. Os Kaingang não aceitaram passivamente a presença do branco e reagiram de muitas maneiras diante do avanço da colonização. Invadiam os núcleos de povoamento e as plantações dos brancos, fugiam para o interior, longe da influência dos colonizadores para tentar manter suas terras. Pois, para nós, os Kaingang, a terra está relacionada a nossa origem, sendo muito mais do que um simples meio de subsistência e por estar diretamente ligada a um sistema de crenças e conhecimento.

Comecei minha pesquisa fazendo entrevistas com sábios para saber como eles contam a história do nosso povo. Na conversa com o Sr. Pedro de Almeida, professor da Escola João Kavagtã Vergílio, ele contou que os Kaingang viviam em Jataizinho, PR, localizado do outro lado do rio, na margem oposta da atual localização da comunidade. Ele disse que os Kaingang viviam à beira do rio Tibagi, quando encontraram os fóg (não índios) pela primeira vez, e que estes se aproximaram na intenção de exterminá-los. Primeiro, tentaram com violência, mas os indígenas resistiram. Mais tarde eles se fingiram de amigos e aos poucos conquistaram a confiança dos indígenas, foi quando decidiram exterminá-los, aplicando vacinas de gripe neles, mas, algumas famílias se recusaram a receber a vacina e fugiram para mata. Passado alguns dias, voltaram ao lugar e seus parentes estavam todos mortos, a vacina tinha funcionado, eles cruzaram o rio Tibagi e voltaram a se isolar por um bom tempo. Sobrevivendo apenas com o necessário, caça, frutas, peixes, etc. Como estavam isolados não dependiam da medicina dos fóg (não índios), quando ficavam doentes, extraíam tudo que necessitavam da mata. Algum tempo depois, os fóg começaram a se aproximar novamente dos indígenas. Por sua vez, a também professora aposentada Gilda Kuitá, de 60 anos, conta que grande parte da T.I era composta por florestas de araucárias e isso despertou interesse nos fóg, que começaram a extrair madeira ilegalmente da aldeia. Alguns indígenas se aliaram com o não índio, ou seja, ganhavam “agradinhos” em troca de suas riquezas. Madeiras, ouro e outras pedras preciosas, também trocavam suas filhas, irmãs em troca de comida, dinheiro, posição social. Em 1910 foi criado o SPI (Serviço de Proteção ao Índio). Segundo a professora, a criação do SPI teve impacto terrível dentro da comunidade, por causa da exploração e extermínio que eles promoveram, se aproveitando dos bens e mão de obra dos indígenas.

“ O início do século XX, por sua vez, é marcado pela presença do órgão indigenista Serviço de Proteção aos Índios (SPI), que atuou incisivamente nas terras kaingang já demarcadas. Trata-se de um período marcado pelo trabalho compulsório indígena via sistema do panelão, pela presença de fiscais e capachos, pela imposição de vestimentas uniformes,

pela concentração de indígenas em “Sedes” construídas para o chefe do posto. A atuação do SPI visava principalmente transformar os indígenas em trabalhadores rurais, atuando ao mesmo tempo por meio da imposição do trabalho em lavouras em troca de comida e pela perseguição às práticas indígenas consideradas tradicionais – festas, rituais, práticas xamânicas, a língua. A atuação pungente do órgão é hoje ainda lembrada por indígenas moradores da TI Apucarantina, onde, assim como outras TIs kiangang (como Nonoai, Mangueirinha e Palmas) a instalação dos postos se deu de forma vigorosa e duradoura. Isso durou desde as primeiras décadas do século XX até o ano de 1967, quando, após inúmeras acusações de corrupção e demais crimes promovidos por pessoas ligadas ao órgão, este foi sucedido pela FUNAI. (GIBRAN e FIDELES, 2019)”

2.1. ESCRAVOS NA PRÓPRIA TERRA

O SPI então colocou funcionários não indígenas como chefes de posto que na maioria das vezes eram militares, para trabalharem nas comunidades indígenas. No Apucarantina, o chefe de posto escravizava os indígenas. Fazia isto em suas próprias terras, para obter poder e lucro, a troca de coisas básicas de subsistência. Quem se recusasse a prestar os serviços propostos era duramente punido com castigos cruéis. Aproveitava-se dos bens materiais, vendia madeiras, arrendava terras, além disso, casava ou tinha filhos com as mulheres indígenas, que na maioria eram entregues ainda meninas para esses homens. Para usufruírem ainda mais, os fóg (brancos) então apresentaram a bebida alcoólica para os índios e construíram um alambique dentro da T.I, assim, estando bêbados os indígenas não viam o que estava acontecendo. Há pouco tempo atrás, na década de 40 foi construída dentro da T.I Apucarantina, uma usina hidrelétrica, já apresentada anteriormente. O impacto dela talvez tenha sido o mais terrível que a comunidade já sofreu, porque, imaginem a magnitude da construção de uma usina hidrelétrica dentro de uma comunidade indígena? Pois é, e com isso vieram trabalhadores de todo o Brasil e como o SPI, também usufruía das riquezas dos indígenas. A partir disso, a comunidade passou a ter contato direto com a sociedade “branca”.

2.2 AS DÉCADAS RECENTES

Na segunda metade do século XX esse contato se transformou numa crescente inserção dos indígenas no mercado de trabalho gerenciado pelos fóg (brancos). Atualmente

muitos indígenas Kaingang fazem trabalhos temporários fora da aldeia. Por exemplo, na colheita do café, colheita de laranja, de vassoura, nas hortas gerenciadas pelos brancos e outros trabalhos agrícolas nos sítios e fazendas das redondezas.

Já a partir da década de 1990, a partir da Assembleia Nacional Constituinte de 1988, iniciou-se um processo de conquista de direitos que fez com que muitos indígenas conseguissem acessar informações e a se organizar para o benefício da comunidade. A partir dos anos 2000, no estado do Paraná, alguns indígenas começaram a ter acesso ao ensino superior através da lei estadual 13.134, aprovada pela Assembleia Legislativa do Paraná em 18 de abril de 2001, que criou a primeira política de ação afirmativa para populações indígenas no estado. Ela destinou 03 (três) vagas suplementares em cada uma das universidades estaduais a cada ano letivo para serem “disputadas”, exclusivamente, por candidatos pertencentes às etnias indígenas que residem ou residiram por, no mínimo, dois anos nas terras indígenas localizadas dentro dos limites do território que formam o Estado do Paraná.

Depois de publicada no Diário Oficial do Estado, desencadeou-se o trabalho de normatização da referida lei para estabelecer critérios e procedimentos para realização do processo de seleção para ingresso dos indígenas no ensino superior do Paraná. Esse trabalho resultou na criação e realização do “Vestibular Específico Interinstitucional dos Povos Indígenas no Paraná”. Em 2006 a Lei 14.995 dá nova versão à Lei 13134/2001 e amplia o número de vagas por instituição estadual para 06 (seis). Ampliaram-se assim, de forma inédita, as oportunidades de inclusão de estudantes indígenas nas universidades públicas no Paraná. Com essa conquista muitos indígenas ingressaram nas universidades, e apesar das dificuldades, muitos conseguiram concluir a sua graduação e voltaram para suas respectivas comunidades. Hoje em dia atuam em papéis voltados à atenção da saúde e educação, principalmente.

É importante ressaltar que, segundo o meu interlocutor, Ivan Bribis Rodrigues, Kaingang, advogado formado pelo vestibular indígena específico do Paraná, no ano de 2006, os indígenas recorreram a um processo de indenização sobre a usina hidrelétrica construída dentro da T.I:

O Processo de negociação se iniciou em 2002, com o acampamento ali no salto, então já se acionou o ministério público (MPF), alguns advogados, mas sempre tinham reuniões e mais reuniões, veio um grupo de estudos nesse período entre 2002 e 2006, solicitado pelo ministério público através do doutor João Akira Omoto, então procurador na época, que fez o levantamento e fez avaliação, lógico que deu muito mais do que gente recebeu, e a negociação em si, em 2005 eu fui eleito presidente do Conselho Estadual do Paraná, e a gente foi mais incisivo, tinham as reuniões, a gente transitava, ia para as reuniões, mas nunca saía daquilo. Em 2006 a

gente fez o grande levante e acampamos lá na casa de máquinas da COPEL e a documentação a gente fazia ali mesmo no escritório da Copel e encaminhava. E numa das reuniões a gente solicitou que fosse feita uma reunião mais ampliada, porque sempre ia um pequeno grupo só de lideranças, e a gente solicitou para a negociação. E a negociação ocorreu em outubro de 2006, lembro porque foi na época entre primeiro e segundo turno da eleição para governador do estado, na época eu fazia campanha para o Requião, e um dos assessores dele me disse: Você é louco Ivan? O Requião é governador, tira esse povo daí! Você vai manchar a imagem do governador, aí eu disse: Se o governador quiser sair bem, ele negocia com a gente e acabou!

Então nesse período de 2006, nós nos organizamos naquela época com o grupo cultural que a gente tinha ali e fomos para a reunião, coisa que a Copel nunca imaginou que a gente ia daquele jeito, e a proposta deles foi um valor bem baixo, começaram com 2 milhões, foram para 5 milhões, chegou a 8 milhões depois foi pra 10 milhões e na última tentativa a gente saiu para fora da sala de negociação, da Associação dos Funcionários da prefeitura de Londrina quatro vezes, e na última a gente saiu, estava eu, o Aparecido, a Gilda, o Renato e mais algumas pessoas e falamos: A gente veio aqui com um propósito de 15 milhões, o que vocês acham? Ou a gente sai daqui com 15 milhões ou não vamos negociar. E foi dito e feito, eu disse pra eles: A hora que eu falar, pessoal são 15 milhões, vocês se levantem e vão pra cima do diretor da Copel, e eles foram e o cara disse : Tá bom vamos negociar! Calma, calma, calma! E foi o que se negociou naquele dia. 14 milhões de reais em 5 parcelas pagas anualmente. 20% desse dinheiro foi dividido em espécie para a comunidade no dia 23 antes do natal de 2006, um valor de R\$2.800.000,00 (dois milhões e oitocentos mil reais), foram levados em saquinhos para a comunidade através do ministério público e da Polícia Federal, eu estava lá ajudando no pagamento. E o 1 milhão que ficou faltando para chegar aos 15, foi feito um diagnóstico entre duas universidades que foi a UEL e a UEM, que fizeram um diagnóstico de levantamento sobre o potencial total de produção e tudo o que poderia ser feito no Apucarantina. Então sobre a negociação foi isso. Foi um momento histórico para o nosso povo.

Com essa conquista histórica para a comunidade, começaria então a inserção dos próprios indígenas para trabalharem na aldeia. Criou-se então o VENH KAR, que é o nome dado na língua Kaingang ao programa, que em português é chamado de "Programa gerador de projetos de sustentabilidade socioeconômica, ambiental e cultural" em parceria com a Copel, para a gestão desse recurso foi criado um fundo, na conta da Associação dos Moradores da Terra Indígena Apucarantina, que ficou responsável por administrar esse recurso. Os projetos têm como missão atuar respeitando a identidade cultural, costumes, tradições e instituições do povo Kaingang do território do Apucarantina. Assim, vários indígenas foram contratados para trabalharem. Segue a continuação do relato de Ivan:

O Vênh Kar foi criado através do MPF e já do estudo do diagnóstico, teve a participação das universidades e da Copel também, porque tinha que ter uma organização gestora para executar as ações do recurso, tanto que o Vênh Kar ele foi criado a partir de que se teve o recurso e as contratações feitas, inclusive eu na época, eram feitas pelo programa e pela associação dos moradores que tinha CNPJ, para fazer as contratações, pagar funcionários, pagar diaristas, e a gestão era compartilhada entre comunidade indígena e Copel, o trabalho mais aprofundado mesmo se iniciou no ano de 2010, levou 4 anos para construir toda estrutura, foram comprados maquinários, implementos e todos os materiais necessários para o funcionamento do programa.

Através desse relato importante, podemos ver como foi esse processo de lutas e conquistas de direitos da comunidade e como foi essencial a participação do grupo cultural existente na época (antes da organização do Nẽn Ga), que como mencionarei nesse trabalho, era composto apenas pelos mais velhos.

3. AS ESCOLAS DA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA

Hoje na T.I existem três escolas: a Escola Estadual Indígena João Kavagtãn Vergílio, o Colégio Estadual Indígena Benedito Rokag, ambas localizadas na aldeia sede e a Escola Estadual Indígena Roseno Cardoso, localizada em uma das aldeias, o Barreiro. A Escola Estadual Indígena João Kavagtãn Vergílio, tendo sido inaugurada em 1982, inicialmente denominada Escola Cacique Luiz Pênki Pereira. Em 2015, havia 17 professores indígenas e uma professora não indígena, que residia na aldeia. Cabe destacar que a escola participou de um programa nacional desenvolvido pela FUNAI cujo objetivo era o de ampliar o acesso dos indígenas à educação básica. A Prefeitura do Município de Londrina e o Governo do Estado do Paraná eram os encarregados pela destinação dos recursos para a escola. No entanto, a partir de 23 de maio de 2008, a Secretaria de Estado da Educação publicou a Resolução 20.75/2008, que estabeleceu um acordo para que a Escola fosse organizada e recebesse assistência por meio do Sistema de Ensino do Estado do Paraná. Desta maneira, o estado do Paraná se tornou responsável direto pelo ensino, manutenção e pela formação dos professores indígenas desta escola. Nas primeiras séries da educação (Pré-Escola e Ensino Fundamental I), as crianças são monolíngues: unicamente falam a língua Kaingang e começam a ser alfabetizadas por meio da língua Kaingang; o ensino da língua portuguesa começa a ser introduzido a partir da 3ª série. Atende a Pré-Escola e o Ensino Fundamental I, séries iniciais da Educação Básica. Atualmente conta com 16 professores e 8 funcionários e 239 alunos, hoje não existe nenhum aluno não indígena nessa escola que tem 15 professores indígenas e uma não - indígena, é trabalhado a cultura com professores formados em magistério indígena, com um calendário específico e diferenciado mas com algumas adaptações, a avaliação é contínua com parecer descritivo.



Figura 6: vista do Colégio Estadual Indígena João Kavagtã Vergílio. Arquivo pessoal.

Já a Escola Benedito Rokag tem esse nome dado em homenagem a um grande líder Kaingang. O CEI Benedito Rokag foi construído em um formato circular, contém um espaço externo com quadro, onde os alunos merendam, jogam pingue-pongue, convivem com alguns professores e demais estudantes. Há também uma sala para professores, outra para a direção, uma biblioteca e salas de aula. Além disso, há mesas e cadeiras de concreto com tabuleiros de xadrez e/ou damas. A escola ainda não possui quadra para aulas de educação física. Com isso, os professores optam por realizar as atividades correspondentes no campo de futebol da aldeia. Apesar da existência desta escola de ensino médio no interior da aldeia, alguns pais preferem que seus filhos estudem na escola localizada no distrito rural mais próximo, pois acreditam que o ensino é de melhor qualidade, e também porque, segundo eles, aprendem melhor a língua portuguesa. O colégio atende os alunos dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

Atualmente estão matriculados 250 alunos em dois períodos: Matutino e Vespertino e conta com 10 professores não indígenas e 8 professores indígenas, além de 7 funcionários que são todos indígenas na área Administrativa e nos Serviços gerais. O atual diretor já é não

indígena e também já foi professor na escola mencionada, a Pedagoga é indígena e também já esteve à frente da direção. Bem, apesar de ser um colégio indígena a administração segue os moldes, ou melhor, as normas dos colégios dos não índios, como prestação de contas, as verbas recebidas, a documentação dos alunos. Em relação ao PPP (projeto político pedagógico), ele vem sendo formulado priorizando a educação específica indígena, teve sua construção, participação significativa dos professores indígenas e especificidades inerentes a educação indígena, focando no modo de vida dos Kaingang.

A avaliação é trimestral por nota Colégio Estadual Indígena Benedito Rokag. As duas escolas são mantidas pela SEED (Secretaria de Estado da Educação do Paraná), a modalidade de ensino é presencial, a seleção é feita por PSS (programa de seleção simplificado) e pela carta - anuência assinada pelo cacique e lideranças.



Figura 7: Vista da entrada do Colégio Estadual Benedito Rokag. Arquivo pessoal



Figura 8: Vista do interior do C.E.I Benedito Rokag. Arquivo pessoal.



Figura 9: Vista do interior do C.E.I Benedito Rokag. Arquivo pessoal.

4. A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NA CULTURA KAINGANG

Sabe-se que as línguas se constituem tendo como base propriedades comuns, no entanto, as mesmas estão sempre em processo de modificação, isso porque estão expostas a fatores de instabilidade e variação. Sendo as alterações linguísticas determinadas socialmente, pode-se pensar na multiplicação de uma única língua em duas ou várias, e isso é comprovado se analisarmos, por exemplo, os troncos e famílias linguísticas das línguas faladas pelos povos indígenas do Brasil. A vida em determinada comunidade faz com que seus falantes façam acordos sobre as transformações que um idioma sofre, mantendo-se, assim, comunicação entre os sujeitos que dela fazem uso. Porém, quando dois grupos de uma mesma comunidade se separam e deixam de manter contato, não há mais necessidade de atualização das modificações que sofreu a língua que falavam enquanto viviam juntos. É assim que as línguas devem ter se multiplicado em todo o mundo, e assim ocorreu no caso dos idiomas indígenas brasileiros, isso, claro, no decorrer de milhares de anos (RODRIGUES, 1986).

Os Kaingang ou Coroados, como eram conhecidos antigamente, são um dos povos indígenas do tronco linguístico Macro-Jê do sul do Brasil. A denominação Kaingang define ao mesmo tempo o povo indígena e a própria língua falada por esse povo. Seu significado é: **povo do mato ou povo da floresta**. A maioria dos Kaingang do estado do Paraná são bilíngües, ou seja, falam a língua materna e o português. O sistema Kaingang é dividido em duas metades clônicas, segundo o mito de origem do povo kaingang.

O mito de origem conta que os primeiros habitantes saíram do solo; por isso têm cor de terra. Numa serra, que dizem estar localizada no sudeste do estado do Paraná, dizem que ainda hoje podem ser vistos os buracos pelos quais subiram. Uma parte deles permaneceu subterrânea; essa parte se conserva até hoje lá e a ela e vão-se reunir as almas dos que morrem, aqui em cima. Eles saíram em dois grupos chefiados por dois irmãos, Kanhru e Kamẽ, sendo Kamẽ aquele que saiu primeiro. Cada um trouxe consigo um grupo de gente. Dizem que Kanhru e toda a sua gente eram de corpo delgado, pés pequenos, ligeiros, tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamẽ e seus companheiros, pelo contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções.

Esses dois irmãos com a sua gente foram os criadores das plantas e dos animais, e povoaram a Terra com os seus descendentes, tudo neste mundo pertence ou à metade Kanhru ou à metade Kamẽ, tendo conhecimento de sua descendência pelos traços físicos, pelo temperamento, pela pintura: tudo o que pertence a Kanhru é redondo ou manchado e o que pertence a Kamẽ é riscado. Assim se define as

marcar das pinturas corporais. Essas pinturas, o se vê tanto na pele dos animais como nas cascas, nas folhas ou nas flores das plantas. Kanhru fez cobras, Kamê, onças. Este fez primeiro uma onça e a pintou, depois Kanhru fez um veado. Kamê disse à onça: "Coma o veado, mas não nos coma!" Depois ele fez uma anta, ordenando-lhe que comesse gente e bichos. A anta, porém, não compreendeu a ordem. Kamê repetiu-lhe ainda duas vezes, em vão; depois lhe disse, zangado: "Vai comer folhas de urtiga! Não prestas para nada!" Kanhru fez cobras e mandou que elas mordessem homens e animais. Queimou um espinho chamado sónh (espinho) e esfregou a cinza nos dentes da cobra a fim de torná-los venenosos. Kamê quis então fazer um animal muito feroz, e começou a fazer o tamanduá. Eles estavam trabalhando durante a noite, e quando o dia começou a romper, o tamanduá ainda não estava pronto: já tinha unhas enormes, mas a boca ainda estava por fazer. Então Kamê arrancou um cipó e meteu-o como língua na boca do estranho animal, que ficou mal acabado. Quando já estava claro, eles começaram a correr, e logo uma onça pegou um Kanhru, e Kamê foi mordido por uma cobra. Pararam para tratar o doente, quando o surucuá cantou: Tug! Tug! Tug! Um velho explicou essa cantiga como tu (carregar) e mandou que carregassem o doente para o lugar do acampamento. Um pequeno gavião cantou: Tokfín! (amarrar) e o velho mandou amarrar o membro lesado. Outro passarinho cantou: Gýnh! (cortar), e eles abriram a ferida com um corte. Por fim, outro cantou: Kaimparará! (kãnhpar - inchado), e o velho disse: "Isto é; um mau grito! Amanhã o membro estará inchado!" Assim foram tratando o doente até que se restabelecesse. Assim se conta sobre o mito de origem do povo Kaingang.(CURT NIMUENDAJÚ. Mito de origem do povo Kaingang)

Estudos apontam que os Kaingang, teriam se originado nas nascentes dos rios São Francisco e Araguaia no Brasil Central e deslocaram-se para o sul do continente onde vivem desde o sul de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e avançando até a região leste da Província de Misiones, na Argentina.

A língua Kaingang é uma das línguas da família Jê, integrante do tronco Macro-Jê. O Kaingang e o Xokleng (que é uma língua muito próxima do Kaingang, hoje falada apenas no estado de Santa Catarina) formam o conjunto das línguas e culturas Jê do Sul do país. A língua Kaingang é uma das línguas com maior número de falantes entre as línguas indígenas do Brasil. Os Kaingang formam o grupo indígena mais populoso do sul do Brasil, totalizando mais de 25 mil pessoas, vivendo em mais de 30 terras indígenas distribuídas nos três estados do sul do país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) e em São Paulo.

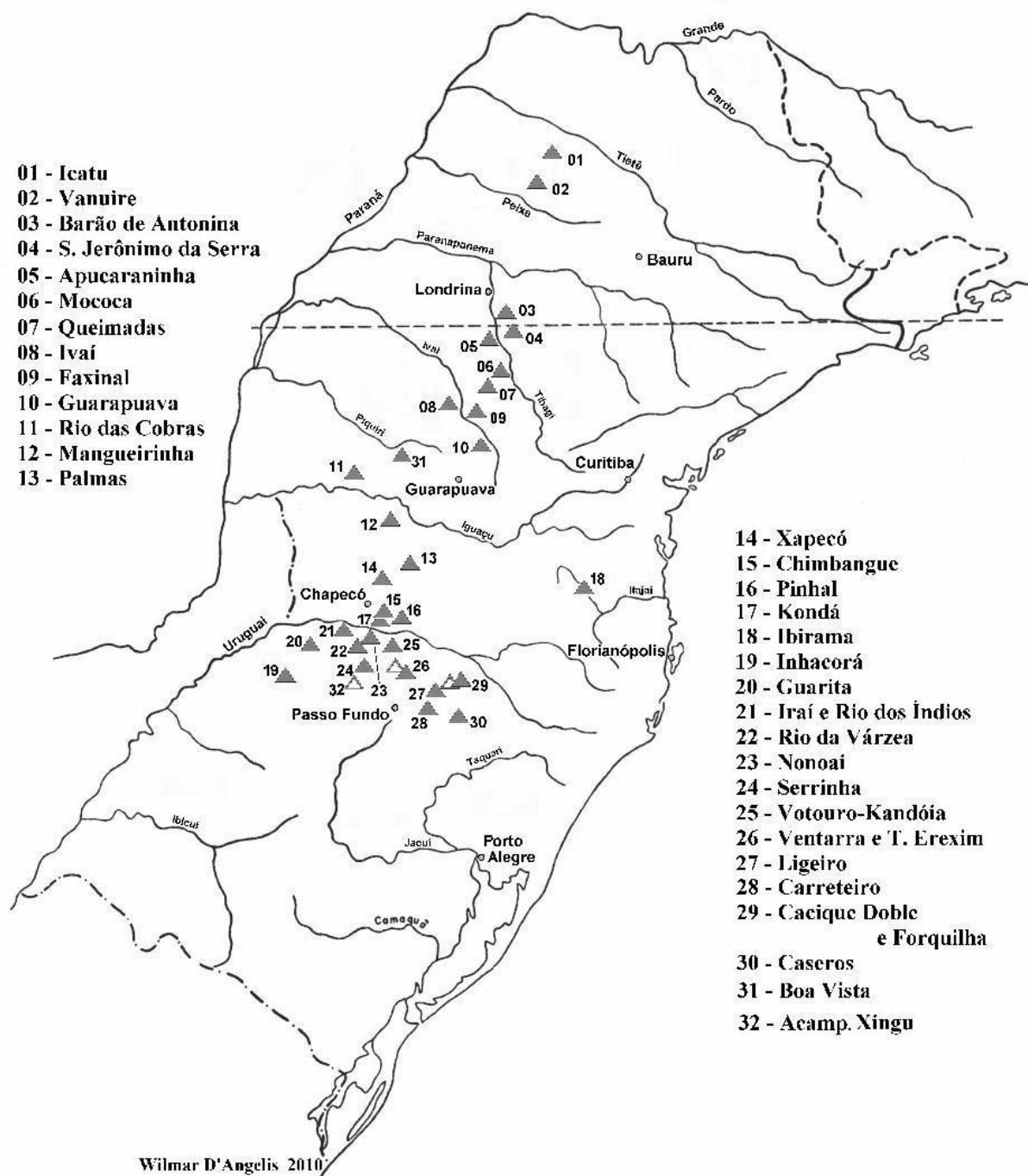


Figura 10: Distribuição da Terras Indígenas Kaingang no sul e sudeste do Brasil. Fonte: http://www.portalkaingang.org/Lgua_Kaingang.pdf

Somente no Paraná, são mais de 10 mil pessoas, segundo o site portal kaingang, habitando 85.264,30 hectares de terras. Esta área está distribuída em 17 terras, abrigo das etnias Guarani, Kaingang e remanescentes do povo Xetá.

Como se espalharam por lugares diferentes, os Kaingang desenvolveram vários dialetos diferentes: às vezes diferentes quase só na pronúncia, mas também com algumas

palavras diferentes para dizer a mesma coisa. No Paraná se reconhecem pelo menos dois dialetos Kaingang: um nas áreas indígenas ao norte do Rio Iguaçu (Rio das Cobras, Marrecas, Ivaí, Faxinal, Queimadas, Mococa, Apucarantina, Barão de Antonina e São Jerônimo da Serra) e outro nas áreas abaixo do Iguaçu (Mangueirinha e Palmas).

Os Kaingang e os Xokleng são as sociedades mais antigas no Sul do Brasil, entre os povos indígenas que hoje ainda habitam a região. De fato, são povos que tiveram uma origem comum e, em algum momento se separaram e se diferenciaram. Isso reflete em suas línguas, que são muito parecidas.

Como todas as línguas indígenas do Brasil, a língua Kaingang também não tinha uma escrita própria. Nos anos 60, uma pesquisadora-missionária do Summer Institute of Linguistics, Úrsula Wiesemann, com uma longa pesquisa sobre essa língua, definiu um alfabeto para sua escrita.

Um dos trabalhos linguísticos de maior significância em relação à língua Kaingang foi desenvolvido pela linguista alemã Úrsula Wiesemann, ligada ao Summer Institute of Linguistic, (SIL) que iniciou seus estudos sobre esta língua em 1958, no Posto Indígena Rio das Cobras, no município de Nova Laranjeira, estado do Paraná. Alguns pesquisadores destacam a intenção evangelizadora movida por tal instituto linguístico, o qual buscava traduzir a Bíblia para as línguas indígenas, tal como aconteceu com os Kaingang. Ainda assim, é partir dos estudos linguísticos de Wiesemann que há a possibilidade de iniciar-se o processo de alfabetização também na língua materna. (BANDEIRA, 2014)

Essa escrita começou a ser ensinada aos próprios Kaingang para a tradução do velho testamento e hoje em dia é muito utilizado pelos professores Kaingang para alfabetizarem seus alunos.

Em 1971, publicou-se uma lista de palavras sob o título de Dicionário Kaingang-Português e Português-Kaingang, a qual era lançada com o objetivo de ser utilizada em escolas bilíngues. Neste dicionário, acrescentou a autora alfabeto, questões dialetais, regras ortográficas e descrições sobre os tipos de palavras que compunham a língua. Com tal estrutura o dicionário foi publicado três vezes. Muitos anos de contato e estudos junto a tal povo fez surgir outra edição no ano de 2002, que tendo como base a primeira publicação, passou por um processo de revisão e ampliação. Na nova edição tem-se a inserção da designação gramatical de cada palavra e expressão, sendo apresentados cerca de 4000 verbetes (WIESEMANN, 2002). Durante seu trabalho, Goytėj (Rio Grande), como Úrsula passou a ser chamada pelos Kaingang, sempre contou com a colaboração dos Kaingang e constatou que tal língua possuía ricas variações dialetais. (BANDEIRA, 2014).

4.1. A LÍNGUA MATERNA HOJE NA COMUNIDADE

Em relação à língua materna, a Terra Indígena Apucarantina, tem aproximadamente 95% da sua população falantes da língua Kaingang, a língua materna continuou muito bem preservada. As crianças aprendem a falar o Kaingang desde muito cedo e só tem contato com a língua portuguesa quando estão com seus 5 ou 6 anos de idade, como todas as famílias da aldeia são falantes, as crianças não tem nenhuma dificuldade em aprender a língua Kaingang, muito pelo contrário, tem uma maior dificuldade em aprender a língua portuguesa. As famílias exercem um papel fundamental nesse processo de preservação, pois tem como prioridade em sua comunicação apenas o ensino da língua materna. As escolas indígenas localizadas na comunidade também tem um papel importante na manutenção da língua, pois o ensino é exclusivamente na língua Kaingang até o terceiro ano do ensino fundamental I, ministrado por professores bilíngües formados em magistério específico indígena.

A responsabilidade do professor bilíngüe no compromisso de um trabalho de promoção e revitalização das línguas e culturas indígenas não é tão simples assim, já que ele, muitas vezes, foi formado sob a influência de um sistema educativo que implícita ou explicitamente inculca valores de desprestígio, mesmo quando o discurso oficial se pronuncia pelo respeito. (NOBRE, 2012).

E continuam com o aprendizado da língua materna no ensino fundamental II e no ensino médio. A comunidade e os professores tem esse cuidado em manter a língua materna como principal forma de comunicação entre seus moradores, por isso as crianças tem mais dificuldade em falar o português, ao contrário de muitas comunidades Kaingang do sul do país onde a alfabetização das crianças é feita na língua portuguesa.

5. FORMAS DE TRANSMISSÃO DE SABERES NA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA

De acordo com os costumes e vivências do povo Kaingang a qual chamamos de **jykre**, existem várias formas e linguagens para expressar ou comunicar os saberes. Essas várias formas de comunicação se desenvolvem desde nossa infância até a terceira idade. Essa transmissão se dá a partir do momento que em que iniciamos o caminho de formação como indígena Kaingang. Durante a nossa infância temos uma forma de expressão, recebemos uma linguagem diferente. Chamo de “linguagem de afeto” a todas as formas de comunicação entre a rede feminina familiar e os kanhgág s̃i, que são as crianças. São falas, gestos, ações que transmitem os ensinamentos e ao mesmo tempo fortalecem os vínculos entre o bebê e a família. Como ensinar a falar, a pensar, a agir e a estimular o seu desenvolvimento como criança kaingang. Depois do processo de aprendizado onde a comunicação verbal está presente os g̃r s̃i chegam ao processo de alfabetização, iniciando esse processo ainda no ambiente familiar. Com aproximadamente seis anos as crianças chegam à escola, que exerce um papel fundamental no processo de formação da criança. Na fase da adolescência eles começam a ter contato com outras formas de comunicação, como as expressões corporais associadas às danças e aos cantos. É a partir desse momento, que surge entre os jovens a necessidade de retomar e transmitir os conhecimentos culturais através das danças e cantos tradicionais.

5.1 O MITO DA CRIAÇÃO DA DANÇA E DA MÚSICA KAINGANG

JÓTY, O TAMANDUÁ A SABEDORIA NATURAL, CULTURAL E SOBRENATURAL DOS KUJÁ, PAGÉS KAINGANG

Se Um periquito nos assoprou que, há muito tempo, dentro da grande montanha Crinjijibé moravam Kanhrú e Kamẽ. Logo após um grande dilúvio do qual ninguém escapou, o DEUS Topẽ ordenou as almas gêmeas que saíssem do abrigo. O primeiro a sair foi Kamẽ, pelo lado mais acidentado. E até chegar lá em baixo, à beira do rio onde poderia acampar, teve que vencer muita pedra. Já Kanhrú desceu pela vereda oposta, e nada sofreu porque a relva macia cobria toda a encosta. Por isso, talvez, sejam assim tão diferentes.

Kamê é grande, forte, corajoso e resistente; à força rompeu rochas e terra; exímio guerreiro, é o líder destemido do seu povo. Kanhru é esbelto, maleável e delicado, embora, mais voluntarioso, é o conselheiro inteligente, mentor e líder espiritual do seu povo. Foram os irmãos gêmeos que criaram todas as planatas, os animais e o povo Kaingang. Tudo o que existe, desde então, tem uma metade criadora Kamê e também outra metade criadora Kanhru; e cada metade tem poderes diferentes, embora, complementares. O sol pertence a metade Kamê, dos kaingang que trabalhavam para fazer os animais do dia. A lua pertence a metade Kanhru, dos kaingang que trabalhavam pelas criaturas da noite.

Os Kamê criaram Mîng, a onça, magnífica criatura do dia. Então, pela noite, os Kanhru começaram a fazer outro bicho. Faltavam ainda seus dentes, suas unhas e uma língua quando começou a amanhecer. Baita perigo! Porque sob a luz do dia os Kanhru perdiam todos os seus poderes. Assustados botaram uma vara fina comprida na boca do bicho. E assim nasceu Jóty, o tamanduá, que desde então só pode jantar formiga.

Certo dia, o povo kaingang decidiu juntar suas metades, de modo que cada rapaz Kanhru casaria com uma moça Kamê, e cada rapaz Kamê se casaria com uma moça Kanhru. Os casamentos aconteceram, mais sem festa ou alegria, porque o povo Kaingang, naquele tempo, ainda não entendia dessas coisas. No dia seguinte, o chefe Kanhru Krê, foi a floresta pra refletir. E caminhou muito mata adentro, até chegar a um lugar desconhecido: um pequeno roçado de chão batido, parecido com a praça da aldeia, cercado por velhas árvores e por galhos secos espalhados pelo chão. Aos poucos, Kanhru Krê, começou a ouvir melodias e cantos misteriosos. Foi então que os galhos quebrados, para sua surpresa, começaram a se agitar; depois, a chacoalhar ainda mais e a pular, sozinhos, animados pela música crescente. Atônito, o líder kaingang, foi puxado para o centro da roda de galhos dançantes. E como eram lindas aquelas melodias! E como bailavam todos aqueles gravetos!

Kanhru Krê, por um longo tempo, também dançou. Dançou até o último fôlego, até se estatelar todo pelo chão. Quando se recuperou, apanhou alguns daqueles galhos e correu de volta à aldeia, ele queria contar pra todo mundo a maravilha que tinha acontecido. Reuniu todo o pessoal na praça, botou os gravetos secos no chão e esperou, esperou e esperou. Mas, para a decepção geral, nada aconteceu. Eles não dançaram, nem pularam. Sequer se mexeram. O povo caiu na gargalhada. Pobre Kanhru Krê.

No dia seguinte, inconformado, o índio voltou aquele lugar na floresta, recolocou os galhos de onde tinha tirado, depois, achou um

esconderijo e ali ficou, de tocaia. Só acordou certo tempo depois, ao ouvir novamente aquelas músicas e cantos. Dessa vez, os galhos dançaram. Silenciosamente, moveu-se em direção à música, e a cada passo de Kanhru Krẽ, mais alto ressoava a melodia! Caminhou até encontrar uma montanha que, na verdade, era um gigantesco formigueiro, sobre o qual se sacudia Jóty, o tamanduá. O bicho fazia xik-xi com o chocalho e fazia turu com a sua flauta de taquara. Dançava e cantava, com toda a graça e agilidade, para o encanto do chefe Kanhru Krẽ.

Jóty, tomando ar, fez uma pausa.

Quando começou a cavoucar o monte em busca de formigas, encontrou o esconderijo de Kanhru Krẽ. Para se defender, o chefe kaingang pensou em matar o Jóty. O atamanduá percebeu e logo se antecipou: se morresse, argumentou, desapareceriam cantos e encantos. E em troca da vida, Jóty ofereceu toda a sua sabedoria. Kanhru Krẽ aceitou o trato e aprendeu com o mestre tamanduá todos os cânticos e passos de dança, a tirar melodia da taquara, e a marcar o ritmo, com a cabaça recheada de grãos de milho.

Para encerrar a aula, Jóty apanhou o bastão de Kanhru Krẽ. Com ele dançou e disse:

- O filho que sua mulher espera será homem. Se alguém do seu povo me entregar um bastão como este e eu dançar, o filho dele também será homem. Mas se eu largar o bastão e não dançar, será mulher! O líder Kanhru Krẽ voltou para a sua aldeia e contou para todos os kaingang tudo o que havia aprendido com o Jóty, o velho e sabido tamanduá. Foi assim que o povo kaingang aprendeu os segredos do canto, da dança e da música. Desde então, quando rezam pelos seus antepassados, os kaingang das duas metades, Kamẽ e Kanhru, dançam, cantam e consomem o Kiki, uma bebida à base de mel e água; e fazem uma grande cerimônia festiva, chamada Kikikoi, para festejar cada uma das metades criadoras de cada ser vivo.

A araucária é Kamẽ.

O cedro é Kanhru.

O lagarto é Kamẽ.

O macaco é Kanhru.

E assim por diante...

Um casamento ideal deve juntar as duas metades. Os gêmeos Kamẽ e Kanhru criaram os humanos. Os humanos criaram as plantas e os animais. E os animais tem ensinado outros tantos dons e conhecimentos aos kaingang. Gente ,animal e planta se afinam juntos.

(NEGRO e KAINGANG, 2010, p.34)

6. NĒN GA

No ano 2012 alguns jovens, homens, mulheres e crianças, sentiram a necessidade de reviver algumas práticas culturais que estavam sendo esquecidas pelos mais jovens, que por mais que mantivessem a língua muito presente, estavam deixando de lado essas práticas. Foi então que as escolas em conjunto resolveram realizar um trabalho de retomada dos cantos e danças do povo Kaingang e criaram o NĒn Ga.

O NĒn Ga é um coletivo formado por jovens e adultos da Terra Indígena Apucarantina, que há seis anos vem trabalhando no fortalecimento e na retomada de práticas e conhecimentos Kaingang que estavam sendo esquecidas. Seu nome pode ser traduzido como **“donos da mata”** ou **“bichos da mata”**. A formação oficial do NĒn Ga se deu durante a Festa do Pãri (falo dela adiante) no ano de 2013. Nesse ano realizou-se a segunda edição do evento. Essa participação foi um desafio e tanto porque os jovens daquela época, inclusive eu, não tínhamos noção de como era fazer uma “apresentação” (nessa época inicial usava-se esse termo para referir às performances dos cantos e danças pelo grupo). Até então os cantos e danças eram feitos apenas pelos mais velhos e não pelos jovens. A partir daí, começa oficialmente a trajetória do movimento cultural NĒn Ga. Nesse mesmo ano, seus integrantes começaram a realizar viagens. A primeira, e digo, a mais importante foi a viagem à Brasília em outubro de 2013, quando participaram na Mobilização Nacional Indígena, pelos 25 anos da Constituição Federal com seus cantos e danças. Essa participação foi fundamental porque contestou o que sempre se ouvia a respeito da inexistência de indígenas no Sul do Brasil. Como descrevem os autores Ricardo Cid Fernandes e Leonel Piovezana:

O que dizer sobre a relação sociedade-natureza entre os indígenas no sul do Brasil? Talvez seja melhor começar com o que dizem sobre tal relação. Neste caso, o senso comum revela a razão etnocêntrica e preconceituosa que cerca a realidade indígena brasileira. Dois extremos: de um lado, a sensação, sempre presente, de que os índios do sul não são mais índios; de outro, a convicção de que esses índios são aproveitadores, indigentes do social e exploradores do natural.

O bom selvagem, por estas bandas, é mito que não se atualizou. Ser índio no sul é, na versão *hardcore* do senso comum, ser vagabundo; é contar com a tutela generosa da FUNAI; é poder dispor de terras e os recursos naturais à vontade. Em sua versão *light*, o senso comum, vê os índios como excluídos genéricos; credores de uma dívida histórica que, como outras tantas, jamais será paga. E a natureza? Bom, ela também é vista com os olhos do senso comum. Neste caso, porém, é vista por olhos, de alguma forma, alimentados por uma perspectiva ambientalista global, planetária.

A equação índios-natureza, então, é uma equação-problema: seja por que é inconcebível admitir que os índios estiveram envolvidos com a exploração madeireira; seja por que é difícil aceitar que, nos dias de hoje, os índios insistam em caçar, pescar e coletar; seja por que exista uma incômoda presença de índios nas cidades. Se, em muitos casos, o senso comum é reduto seguro da razão sociológica, neste caso, em particular, é uma armadilha. Afinal, pouco conhecemos dos índios do

sul. Aquilo que muitos chamam de fronteira étnica entre índios e 'brancos' é, do ponto de vista dos brancos, sobretudo, uma fronteira cultural. Nossas escolas, mídia e demais circuitos culturais não são alimentados pelos saberes indígenas. O senso comum, nesta situação, é uma armadilha que nos prende nas ilusões do ecologicamente correto. (CID FERNANDES E PIOVEZANA, 2015, P.1)

A participação nesse evento nos causou um estranhamento, pois também estávamos ali presentes junto com vários povos indígenas. Nunca tínhamos tido contato com esses povos, com todos aqueles adornos e plumas; foi de uma emoção muito grande sentir a importância da nossa presença ali. Para os outros povos também foi estranho encontrar com os Kaingang, pois não tínhamos o costume de usar pinturas corporais frequentemente como os outros povos indígenas do norte e centro-oeste. Sentíamos, por parte de outros povos indígenas certa estranheza em nos ver como indígenas. Durante os dias de evento conseguimos mostrar para quem estávamos lá e conseguimos conquistar um espaço entre os demais povos. Hoje em dia pode-se afirmar que o Nën Ga é o movimento de expressão cultural mais forte da resistência indígena do Sul do país: ele foi reconhecido por várias lideranças indígenas, como o cacique Raoni Kayapó e Sônia Guajajara (APIB) como um dos cinco movimentos indígenas mais influentes do Brasil.

A Festa do Pãri, mencionada anteriormente, na qual se dá o surgimento do grupo, é um evento realizado para a vivência e prática de uma técnica de pesca dos Kaingang. Essa técnica –caracterizada pelo uso de uma armadilha de pesca feita de taquara- havia sido deixada de lado. Durante os cinco dias do evento, os participantes se deslocam 8 km mata adentro, até a beira do rio Apucarana Grande (Goj Kuprĩ), onde aprendem as técnicas e práticas da pesca com os mais velhos, ouvem histórias, comem suas comidas tradicionais, organizam brincadeiras e jogos em parceria com os professores, cantam e dançam todas as noites. A Festa do Pãri é um ritual festivo que acompanha uma prática de pesca coletiva tradicional praticada pelos Kaingang.

Esse evento, hoje em dia, é organizado pelas escolas com base em parcerias entre os professores indígenas, os anciões da comunidade, mulheres que trabalham na preparação de comidas, e os jovens. Deste modo, reforça-se a ideia da importância de dominar os conhecimentos próprios do mundo dos brancos –como é ensinado muitas vezes pelos professores nas escolas- sem abrir mão dos costumes tradicionais dos Kaingang.



Figura 11: Vista do rio Tibagi. Arquivo pessoal.

6.1 A ATUAÇÃO DO NÊN GA NA FESTA DO PÃRI

Durante a realização do evento da festa do Pãri, que se estende ao longo de uma semana, os jovens praticam seus rituais regularmente, desde o momento que acordam até antes de dormirem. De manhã, eles começam preparando o material para as pinturas corporais de acordo com as metades Kamẽ e Kanhru. Esta tinta é preparada com dois tipos de materiais diferentes. Um deles é o Ójor ján (cipó de anta), o outro é o Kóvejo (sem tradução para o português), ambos são queimados até o ponto de carvão e depois socados no pilão até ficarem como um pó de pigmentação preta, essa tinta é temporária, lavável apenas com água, diferente da fruta do jenipapo, que permanece por dias e que também é muito utilizado pelos membros do grupo. A partir de todo esse processo de preparação, eles começam seus rituais com cantos danças. Trata-se de um momento de pedido de proteção e sabedoria para os Jave e os Jagrẽ. Os **JAVE** são os guias espirituais, os **JAGRÊ** são guias auxiliares dos Kujá (Xamãs Kaingang). Os Jagrẽ não são apenas pessoas, podem ser animais, plantas e elementos da natureza.

Durante o dia eles realizam brincadeiras em parcerias com os professores. Para isso são montadas equipes com os alunos e demais participantes do evento que estiverem a fim de participar das brincadeiras. São várias atividades propostas pelos membros do grupo que incentivam a coletividade, principalmente entre as crianças e os adolescentes. Trata-se de brincadeiras e jogos, algumas são tradicionais, como corrida com tora, tiro com arco e flecha, zarabatana, luta corporal, tem também pau de sebo, juntar lenha, entre outras.

Quando anoitece, os membros do Nën Ga se preparam para mais um ritual. Eles fazem uma grande fogueira no centro do acampamento e dançam em volta: esse momento é bem importante, pois se trata de um momento de profunda conexão entre nossos ancestrais e nós. Nesse ritual eles cantam e dançam em volta da fogueira pedindo proteção e sabedoria aos nossos encantados. Após da dança os jovens sentam-se em volta da fogueira para a contação de histórias, geralmente esse papel é direcionado aos mais velhos, que relatam várias histórias sobre os Kaingang. As pessoas ficam até de madrugada ouvindo mitos e lendas e histórias reais também, é um momento de descontração, pois alguns jovens também fazem relatos sobre o nosso povo. Os mais velhos ensinam técnicas de pesca e caça aos mais jovens para que no futuro também repassem esse conhecimento. Assim são repassados os conhecimentos de geração em geração através da oralidade. Nas primeiras edições do evento os jovens não sabiam confeccionar o Pãri, que é trançado com a taquara. Os mais velhos faziam esse trabalho, mas sempre chamavam os meninos para observarem e aprenderem a fazer também, pois essa técnica de pesca é feita apenas pelos homens. Nas edições atuais, são os membros do Nën Ga que confeccionam essa armadilha.



Figura 12: Confeção da armadilha tradicional. Fonte: Arquivo Paola Gibram.



Figura 13: Armadilha pronta. Fonte : Arquivo Paola Gibram.

Enquanto isso, outros membros vão até onde a armadilha será colocada para fazer o *prüg* (dique de contenção), nesse momento até os pequeninos colaboram.



Figura 14: Construção do dique de contenção (*prũg*). Fonte: Arquivo Paola Gibram.



Figura 15: Construção da escora onde será colocada a armadilha. Fonte: Arquivo Paola Gibram.

Feito isso, a armadilha é levada até o rio para ser colocada. Esse processo é todo feito pelos integrantes do grupo Nẽn Ga.



Figura 16: Integrantes do coletivo levando a armadilha para ser colocada no rio. Fonte: Arquivo Paola Gibram.



Figura 17: Integrantes do coletivo, juntamente com os mais velhos, colocando a armadilha no rio. Fonte: Arquivo Paola Gibram.

Durante os dias do evento, todas as manhãs as crianças vão verificar se caiu algum peixe na armadilha e, em caso positivo, trazem para as mulheres prepararem para elas. Ao final do evento, todos retornam à aldeia com uma sensação de leveza, de dever cumprido por terem conseguido atingir seus objetivos, principalmente os integrantes do grupo, por transmitirem seus conhecimentos aos alunos das escolas. Assim, o Nën Ga organiza esse evento, talvez o mais importante para a transmissão de saberes entre os jovens, anualmente. Com isso, cada vez mais jovens tem interesse em participar do grupo. E isso, eles dizem, é gratificante, pois ver os jovens querendo aprender sobre os nossos costumes é fundamental no momento em que vivemos, pois hoje em dia em os mais novos estão tendo uma dificuldade muito grande em relação a sua identidade. Isso se refletia dentro das instituições de ensino, pois alguns pais, não aceitavam que fossem ensinados conteúdos referentes aos costumes Kaingang para seus filhos. Mas hoje em dia isso está mudando, a nova geração sabe que precisa ter conhecimento das tradições do seu povo e conhecer também a cultura do não índio, como diz Gilda Kuitá, mentora do grupo:

Os jovens de hoje precisam saber da sua cultura, dos seus costumes. O contexto em que vivemos hoje pede muito isso. Não adianta querer ser fóg (branco), porque a gente nunca vai ser, pode ser rico, ser estudado, mas nunca vai deixar de ser índio. Por isso é importante saber as duas coisas. É tão bonito hoje, quando a gente vê os meninos fazendo isso, sabendo sobre a tradição de seu povo e tendo conhecimento também sobre a cultura dos brancos.

6.2. OS RITUAS DE CANTOS E DANÇAS DO NËN GA

O grupo tem um papel fundamental na comunidade, pois exercem essa transmissão de conhecimentos através dos seus cantos e danças. Como Gilda relata:

Antigamente a gente tinha a nossa religião, mas aí os fóg chegaram com as religiões cristãs e impuseram a nós. Proibiram-nos de praticar, então não fizemos mais. Com a criação do grupo, a gente retomou isso, porque Nën Ga é como uma religião. Assim como tem os cultos evangélicos aqui, tem os encontros dos meninos também, reforço isso pra eles, sobre fazerem isso não somente em dias de festas ou manifestações, mas como uma forma de praticarem sua cultura sempre.

Gilda se refere aos encontros semanais do grupo Nën Ga na aldeia. Esses encontros acontecem nas quartas e sextas feiras, quando todos se reúnem no salão de festas da

comunidade para discutirem assuntos de interesse do grupo. Conversam bastante e depois fazem seu ritual que inclui os cantos e as danças. Seus cantos são relacionados à força espiritual, proteção, há também de guerra, cantos de namoro. Eles são cantados por todos, mas um é cantado apenas pelos coordenadores gerais do grupo. Assim cantam:

<i>Onh'oj ag vỹ kãmũ (2x)</i>	<i>Eles estão vindo (2x)</i>
<i>Ag kanhkã ag tũg kren ja ag (2x)</i>	<i>Quase acabaram com seus parentes (2x)</i>
<i>Hã kỹ ag kygfỹ mũn e vỹ (2x)</i>	<i>Por isso eles vivem chorando (2x)</i>
<i>Ýhýhý (2x)</i>	<i>Som de choro (2x)</i>

Nesse canto, *Onh'oj* é o pássaro, mas ao mesmo tempo ele é um indígena, conta que eles (os indígenas) vêm vindo porque seus parentes foram dizimados, por isso ele vem chorando, e imitam o som do pássaro. Esse pássaro é o urutau que canta todo final de tarde e à noite na aldeia. É um canto muito triste, nesse canto os membros do coletivo se ajoelham em círculo e abaixam a cabeça, enquanto dois dos quatro coordenadores cantam no meio da roda.

Há também os cantos de guerra, que são cantados em momentos de lutas e mobilizações:

<i>Mũ jé há inh régre (3x)</i>	<i>Vamos lá meu irmão (companheiro)</i>
<i>Ã vyj mré ã no gé (3x).</i>	<i>Pegue seu arco e flecha</i>
<i>Ëg ga kunũnh jé há (3x)</i>	<i>Vamos tomar a nossa terra</i>
<i>Vãsãn mãn inh régre (3x)</i>	<i>Coragem meu irmão</i>
<i>Kronh ke tũn inh régre (3x)</i>	<i>Não desista meu irmão</i>

Nesse canto de guerra, os membros cantam e dançam em uma grande roda, fazendo um chamamento para que todos vão à luta em favor dos nossos direitos. A escolha desses cantos se deu porque hoje em dia os próprios membros do coletivo compõem seu repertório, que vão desde os tradicionais cantos do povo Kaingang até os cantos atuais compostos por seus integrantes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os saberes tradicionais organizam as comunidades pautadas na nossa tradição enquanto povo Kaingang, pois a tradição nada mais é do que os nossos saberes e fazeres. As comunidades vivem seguindo os modos de saber e fazer Kaingang. E quando falamos sobre os saberes tradicionais, estamos falando de algo que vem há muito tempo sendo transmitido de geração em geração, por isso são chamados de saberes tradicionais, porque carregam as nossas histórias, as nossas memórias. E quando pensamos que a dança e o canto são saberes tradicionais, estamos dando a essas expressões um lugar de destaque dentro da história do nosso povo.

O Nën Ga é muito importante para essa consolidação dos saberes, porque mostra a todo o momento o olhar das pessoas sobre esses cantos e danças. Isso reflete em nossa identidade como grupo cultural, porque não são apenas cantos e danças, isso é uma compressão da complexidade do que é fazer parte desse movimento. Esse poder e força que vem de nossos ancestrais, nos permitem ser quem somos. E quando pensamos que essas expressões como cantos e danças que carregam as nossas tradições e nossas memórias estavam sendo esquecidas e foi então que um grupo de jovens trouxe à tona essas práticas novamente. Esse grupo foi responsável por uma grande mobilização dentro da comunidade e a criação do Nën Ga foi de grande impacto para todos. Esse impacto não diz respeito apenas às comunidades indígenas, mas também pela sociedade não indígena que tem visto esse grupo cultural como forma de resistência e manifestação política. Faz com que as pessoas percebam o quanto esta tradição ainda está viva entre nós, e muitas vezes esses cantos e danças não são usados apenas para rituais, acabam se tornando ações políticas como forma de resistência, pois esses saberes, essas memórias que a nossa tradição carrega, fazem com que tenhamos força para incidirmos sobre questões que não são relacionadas apenas ao canto e a dança. Como as participações em movimentos fora da aldeia, tanto em mobilizações indígenas como em movimentos promovidos pelo fóg, mas que de alguma maneira afetam o nosso povo.

O coletivo Nën Ga tem participado de diversas mobilizações, contudo, o principal deles foi sem dúvidas o Acampamento Terra Livre (ATL). O Acampamento Terra Livre é um encontro de lideranças indígenas nacionais e internacionais, realizado no mês de abril, em Brasília, capital do país, que visa à troca de experiências culturais e a luta pela garantia dos direitos constitucionais, como a demarcação dos territórios, acesso à saúde, a educação e a participação social indígena. Esse acampamento acontece há mais de 15 anos sempre em

caráter pacífico buscando dar visibilidade para as lutas cotidianas. Reúne cerca de 3 a 4 mil indígenas de aproximadamente 150 povos diferentes. O Nën Ga participa desse acampamento desde a criação do grupo, em 2013. E para que essa participação se concretize, existe toda uma mobilização interna, pois o Nën Ga não é uma organização com fins lucrativos, por isso, há sempre muitas dificuldades para o deslocamento - seja por questões financeiras ou embates com as lideranças locais, que às vezes não aceitam ser representados por jovens. Porém, os seus integrantes promovem eventos para a arrecadação de recursos que envolvem as escolas, como torneios de futebol, bingos, rifas, e o tradicional Bar dos Nën Ga. Trata-se de um bar que todo ano no mês de abril, durante a comemoração do dia do índio é montado ao lado do salão de festas. O dia 19 de abril é comemorado o dia do índio com eventos culturais na comunidade, e com apresentações de outros artistas contemporâneos, com shows de diversos estilos musicais, e bailes. Para que isso aconteça, os integrantes do grupo e demais apoiadores fazem doações para o bar, assim todo o lucro arrecadado vai para atender as necessidades dos jovens durante a viagem. Trata-se de ações importantes que acontecem na aldeia e terminam em grandes movimentos de resistência indígena no cenário atual. E toda essa participação também se dá a nível regional e estadual, com a atuação sempre em defesa dos direitos dos povos indígenas originários. No ano de 2019, conseguimos a proeza tornar o grupo cultural Nën Ga uma instituição registrada, chamando se Organização da Juventude Indígena Kaingang ou OJIK NËN GA, dessa maneira ficou mais acessível à participação em editais referentes à cultura ligados aos povos indígenas.

Dessa maneira, destaco que no âmbito do Nën Ga os movimentos corporais não são apenas passos de dança, ou o movimento de bater o pé no chão, ou movimentos com chocalho que emitem sons. São formas de conexão com a nossa espiritualidade, formas de restabelecer as relações entre nossos Jave, Jágrë e nós. São formas de transmitir esse conhecimento ancestral entre o nosso povo através do canto e da dança, repassando todo esse conhecimento através de gerações. E o Nën Ga Kaingang tem feito esse papel de uma maneira muito boa. Pois trabalhando com as crianças e jovens dentro do âmbito comunitário e escolar, acaba se tornando uma transmissão dos conhecimentos ancestrais, aliados aos conhecimentos dos não índios. O que hoje é fundamental para os jovens indígenas, ter o domínio de sua cultura indígena e saber transitar entre o nosso mundo e o mundo dos fóg, pois também precisamos ter domínio sobre a cultura e seus conhecimentos.

Por último, destaco a importante participação das mulheres nesses momentos e espaços. É importante manter esse protagonismo feminino pois precisamos nos fortalecer

cada vez mais, fortalecendo por sua vez esses movimentos tão importantes para a manutenção e preservação da nossa cultura indígena: somente assim poderemos repassar todos esses ensinamentos para as nossas crianças garantindo que a tradição Kaingang se mantenha viva.

8. REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Toni Juliano. 2014. Aspectos da língua Kaingang. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

CIMBALUK, Lucas. 2013. A Criação da Aldeia Água Branca na Terra Indígena Kaingang Apucarantina: “Política Interna”, Moralidade e Cultura. 2013. 252 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - PPCHLA, UFPR, Curitiba, PR.

FERNANDES, Ricardo Cid. PIOVEZANA, Leonel. 2015. Perspectivas Kaingang sobre o direito territorial e ambiental no sul do Brasil. São Paulo: ambiente & sociedade. Vol. 18 n° 2-ab/jun 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2015000200008&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em : 18/12/2019.

GIBRAM, Paola e FIDELES, Jaciele. 2019. “NËN GA, uma retomada kanhgág”. Artigo apresentado no Congresso Internacional dos Povos Indígenas da América Latina (CIPIAL), Universidade de Brasília, julho de 2019.

NEGRO, Maurício. KAINGANG, Vângri. 2010. Jóty, o tamanuduá: reconto kaingang. São Paulo: Global.

NOBRE, Domingos. 2012. De que Bilinguismo falamos na formação de professores? Instituto de Educação de Angra dos Reis.

Pessoas entrevistadas:

Gilda Kuitá

Ivan Bribis Rodrigues

Pedro Cândido de Almeida

Observação: Todas as entrevistas foram realizadas pela autora, na Terra Indígena Apucarantina, ao longo do ano 2019.